

## NARRATIVAS DE HOMOSSEXUAIS: O QUE É 'SER' MACHO?

Kyara Maria de Almeida Vieira  
Universidade Federal de Pernambuco (PPGH)  
[kykalua@ig.com.br](mailto:kykalua@ig.com.br)

Em tempos de “Big Brother da Diversidade”, como assim o adjetivou seu apresentador em um dos primeiros dias do programa veiculado pela Rede Globo no início de 2010, parece que os tempos são outros, e que vivemos efetivamente num tempo em que as preferências sexuais estão perdendo a centralidade das prerrogativas das relações entre os sujeitos. Mas, apenas parece! O que as ávidas telespectadoras assistiram ao longo dos meses foi uma retomada do maniqueísmo sexual hierárquico, aquele balizado pelas preferências sexuais, e a gradação entre os tidos ‘anormais’, expressos pela eliminação daquela que se declarou lésbica, seguida pela eliminação da “bichinha frágil”, e quase no final do programa, a eliminação do único ‘anormal’ que se arvorou em conversar, elogiar, questionar, discordar, desafiar e até gritar com o representante maior ‘normalidade’ heterossexual.

E o que isso tem a ver com nosso texto? Em vários diálogos realizados entre os participantes do programa, como também em várias falas feitas pelo apresentador do programa em seus textos esmerados em ‘defender’ a diversidade, a hierarquia dicotômica bicha/ bofe, homo/ hétero, lésbica/ heterossexual, orgulho gay/ orgulho hétero tomaram a cena. Valendo destacar que a ‘defesa’ em prol da diversidade só durou até enquanto o último ‘anormal’ não saiu da competição, até porque depois que isso aconteceu, o eixo dos textos proferidos se centrava se houve ou não homofobia por parte do “Escolhido” para representar a moral, a família, a heterossexualidade.

O que me impressiona é que um modelo tão desgastado, tão questionado, tão discutido, seja ainda retomado por tanta gente, mova tantas pessoas, mobilize tantos milhões, mesmo que esteja seja tão visível o quanto ele está defasado em dar conta das múltiplas práticas da sexualidade, do ilimitado exercício do desejo, das incontáveis possibilidades de códigos identitários a serem assumidos, abandonados, comercializados. E isso os/as participantes do programa sugeriram, mesmo que pouco tenha sido exibido no canal aberto da referida emissora.

O que está sendo questionado, mas ao mesmo tempo ratificado e quantificado é a masculinidade, corriqueiramente associada ao sexo biológico, este que estabelece como o sujeito deve agir, sentir, desejar. Portanto, pensar sobre a masculinidade é pensar sobre o *homem de verdade*, chamado de ‘machão’, caracterizado prescritivamente em seu papel social por ser viril e conquistador, ter sucesso, poder e prestígio social (NOLASCO, 1997, 17): características associadas ao que é chamado de *masculinidade hegemônica*. Um sujeito que tem que ser ativo, forte, racional, objetivo, e é então ‘ameaçado’ insistentemente pela *flor incômoda da homossexualidade* (TREVISAN, 1997, 54), ou pelo ‘problema’ de “*virar um broxa*”, de “*broxar*” (DAMATTA, 1997, 44). E aquilo que parecia tão sacramentado, naturalizado, essencializado, definido pelos paradigmas cristãos e da Ciência Ocidental como a ‘norma’, parece está a espreita, necessita sempre está em alerta, vigilante de si, para não se envolver na sedução com flores ‘malditas’, que de tão malditas são quase erva daninha: o desejo por outro homem. E os nossos entrevistados, todos aqui chamados por pseudônimos, apontam para uma vigilância insistente desses códigos e do que deveriam ser.

Como afirma Le Rider,

(...) a chegada da masculinidade, passa por uma “afirmação viril” e não se constitui jamais como uma aquisição definitiva (...) a virilidade deve ser constantemente conquistada, sob pena de regressar em direção à feminilidade, sempre pronta a ganhar espaço. (NOLASCO, 1997, 25)

Daí que não apenas é possível questionar os pressupostos que delineiam e demarcam a efetivação do que significamos como *masculinidade*, tida como marca essencial dos homens, mas também é possível vislumbrar as mudanças e ressignificações desses pressupostos, devido a algumas transformações nas experiências de homens e mulheres, devido a algumas discussões propostas pelo movimento feminista e pelo movimento de liberação sexual, devido a algumas produções acadêmicas. Não só as mulheres têm questionado seus lugares sociais, e daí questionado os lugares dos homens, mas homens também têm se repensado enquanto sujeitos, e acadêmicos tem se disponibilizado a repensar as discussões sobre si a partir de seus lugares institucionais, mulheres também tem se proposto a repensar os códigos da masculinidade tida como hegemônica. Como nos afirma Medrado (2004,43-44)

Um conjunto de pesquisadores e pesquisadoras têm-se dedicado a refletir sobre a masculinidade como uma construção de gênero, focalizando os homens como atores sociais que se constroem e são construídos sob a ótica das relações desiguais de poder. Estes estudos, em geral, buscam identificar e analisar como os homens atualizam (ou não!), em seu cotidiano, o modelo hegemônico de masculinidade, considerando as matrizes culturais e históricas em que interagem e se desenvolvem socialmente.

Falar sobre homens, enquanto objeto de pesquisa da academia, é uma movimentação recente não só no Brasil. Tal discussão tem início na década de 1970<sup>1</sup>, sendo os Estados Unidos o celeiro da reformulação do que ainda não havia sido cogitado no movimento da contracultura: análises sobre a condição masculina (NOLASCO, 1993, 182). Entre as propostas de discussão da condição masculina, algumas defendem uma '*crise do masculino*'. Além disso, inúmeros autores e autoras falam que muito dessas discussões vão se apropriar dos alargamentos/ contribuições das discussões feministas.

Alguns questionamentos são necessários: por que o masculino, quando começa a ser discutido enquanto tópico específico da pesquisa de gênero, recebe a titulação de *CRISE*, enquanto a feminilidade, que já vinha sendo pensada e discutida desde a década de 1960, não tem essa denominação? Incômodo nos causou tais pensamentos! Tal incômodo nos instiga para a discussão sobre as propostas que se erguem a partir dessa idéia de crise do masculino, tendo em vista que de forma direta ou indireta, nossos entrevistados não se narraram como fielmente correspondentes aos códigos da masculinidade hegemônica, como também não os abandonaram de um todo.

Felipe, nosso entrevistado hoje com quase 51 anos, nos apresenta uma opinião que julgamos ser bastante fecunda para pensarmos sobre tais discussões. Ele afirma que,

Na verdade é cobrado dos homens uma postura masculina, viril (...) como a história da emancipação das mulheres é uma coisa relativamente recente, né? Os homens nunca precisaram se emancipar porque eles sempre foram homens, o modelo. Se você foge a esse padrão, você acaba sendo comparado a uma mulher!

Emancipa-se quem não conseguiu até então se colocar em posições-de-sujeito valorizadas socialmente/ culturalmente. Emancipar-se é passar a ter autonomia, ser responsável por si, ou segundo a definição do dicionário<sup>2</sup>, emancipação é *substantivo*

<sup>1</sup> Sobre alguns trabalhos que se direcionaram para essa discussão e seus propósitos, ver Garcia (2001:39).

<sup>2</sup> Ver Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. 2009.

*feminino* que significa: 1) *qualquer libertação; alforria, independência*; 2) *Rubrica: termo jurídico: instituto jurídico que, no Brasil, concede ao menor de 21 anos e maior de 18 seus direitos civis.*

O homem não precisa se emancipar, como nos afirmou Felipe, “*porque eles sempre foram homens, o modelo*”. Quem necessita conquistar a *liberdade, a alforria, a independência*, são as mulheres, talvez para se aproximar do modelo: o masculino. Mas aqui não pretendemos colocar as mulheres na posição de vítima e os homens de algozes, e nem fazer um movimento inversamente polarizado, pondo os homens como vítimas e frágeis, como fez a literatura da década de 1970 que discute sobre masculinidade (OLIVEIRA, 2004, 146).

Ao invés de tomar como referencial a idéia de crise do masculino, preferimos falar em mudanças, na multiplicidade de experiências que possibilitam questionamentos diversos ao que está ‘aparentemente’ dado, ou ainda a apropriação desses códigos na produção de si, enquanto homens sujeitos do desejo. E para nós, a mudança ou os questionamentos possibilitados por estas não são privilégios apenas da segunda metade do século XX. A perspectiva de uma crise da masculinidade poderia ser questionada pelo fato de que “*os abalos sofridos pela masculinidade hegemônica (...) não foram suficientes para provocar uma mudança total no que diz respeito a diferenças de poder social entre homens e mulheres.*” (OLIVEIRA, 2004, 94).

Sendo assim, ao invés de *crise*, que poderia ainda nos sugerir a busca de uma *nova identidade* para os homens, preferimos pensar que os sujeitos podem ocupar e se identificar com várias práticas, sem necessariamente se tornarem *homens femininos* ou *mulheres masculinas*: apenas sujeitos que exercem seus desejos de formas múltiplas e diferenciadas, ou até semelhantes, se apropriando ou não dos códigos comercializados pela cultura da qual fazem parte. E concordamos com Nolasco (1995:28) que o uso das denominações “*homem feminino*” e “*mulher masculina*” apontam para a ausência de conceitos que possam operar mais eficientemente nas indagações a respeito do que caracteriza um homem e uma mulher, se há de fato a possibilidade de defini-los atualmente”. E o próprio Nolasco (1995: 19,20) nos alerta que

A dificuldade de sustentar temporariamente uma indeterminação sobre a representação de um homem tem feito com que os indivíduos operem com categorias já determinadas (masculino e feminino) para nomear o envolvimento com novas experiências.

Por isso acreditamos ser possível Felipe nos afirmar que *se você foge a esse padrão, você acaba sendo comparado a uma mulher!* E entre os seus pares, aqueles que como ele também desejam e se relacionam com homens, mantêm as categorizações. Mesmo assim, isso não os impede de assumir práticas diversas e não se sentirem mulheres, quiçá femininos. Ratificam que não são mulheres, até porque *ser homem significa não ser mulher*. Como ainda nos aponta Felipe,

Eu nunca me senti uma mulher! Eu sou um homem! Que gosto de outro homem! Eu ter estereótipos femininos, ou não, isso é outra questão! Eu nunca pensei que eu pudesse atrair alguém como uma mulher, porque eu não sou e não me sinto! Apesar de adorar as mulheres, embora elas não sejam meu objeto do desejo.

Se ele tem “*estereótipos femininos, isso é outra questão*”. E que questão é esta? A questão do uso da linguagem na nomeação ou significação de Felipe que podem vir a adjetiva-lo. Seu corpo pode denunciar que ele tem *trejeitos* não ligados culturalmente aos códigos da masculinidade, mas isso não determina irremediavelmente sua identificação e sentidos com o feminino. Porque ele não só não se sente assim, como não acredita que possa “*atrair alguém como sendo uma mulher*”, embora em vários momentos de sua narrativa, tenha usado o artigo feminino (A) para se referir a amigos homossexuais ou a si.

E nesse sentido, também Oxumaré, hoje com quase 53 anos, ao falar que nunca gostou de algumas brincadeiras que os meninos gostavam, ratifica com bastante veemência:

Nunca joguei futebol, nunca joguei bola de gude. Nunca me identifiquei com essas coisas. Eu gostava mais de coisas ligadas a casa, ao lar. Foi aí que eu comecei a despertar. Se bem que eu nunca quis ser mulher. Jamais! Entendeu? Eu sou homem, nos meus documentos tudinho eu sou homem.

Certamente que o fato de nos seus documentos (Registro Geral-RG e Cadastro de Pessoa Física-CPF), ele estar definido enquanto homem não limita os processos de identificação que possa estabelecer. E mesmo se ligando a signos/ símbolos/práticas associados às mulheres e não aos homens, Oxumaré destaca em vários momentos de suas narrativas, que “*nunca quis ser mulher*”. E se, antes mesmo de nascer, há um corpo a ser determinado, e nele uma inscrição de homem e/ou mulher. Portanto, Oxumaré em

sua produção de si, foi envolvido por códigos da cultura definidos por ele ser homem, e ser homem, como afirmamos anteriormente, “*significa não ser mulher*”.

Ao longo da vida, os sujeitos passam por experiências que lhes ensinarão o que significar desempenhar o papel masculino ou feminino. E sendo mais radical, antes mesmo de nascer, os códigos que marcam estes papéis já começam a ser visibilizados, posto que após o resultado da ultra-sonografia, definir-se-á as cores das roupas, os brinquedos, a pintura do quarto, o time para o qual deverá torcer, a profissão, a escola onde irá estudar. E mais especificamente no caso dos meninos, “*desde criança ele é estimulado a se afastar de suas ‘experiências interiores’, ao mesmo tempo em que é pressionado a obter o melhor desempenho no que faz.*” (NOLASCO,1995, 21).

Mesmo com essa vigilância efetiva, envolvidos pela categoria do masculino, que serve a *uma cadeia de identificações e comportamentos que configura para o indivíduo um campo de representação comprometido com a visibilidade do empírico* (NOLASCO,1995:25), os homens se identificam com outras práticas e desejos, seus corpos anunciam outras posturas, e se produzem não apenas a partir do encastelamento dos códigos da masculinidade. Não é à toa que Oxumaré afirma sobre sua identificação *com as coisas ligadas a casa, ao lar*, já que quando sua mãe se separa do seu pai, ele assume a educação dos irmãos e as atividades da casa, e quando chegamos para entrevistá-lo, ele estava fazendo faxina e nos contando que era responsável pela organização da casa. Mas, para além disso, ele não apenas mantém financeiramente a casa, prática experimentada em todos os seus relacionamentos, mas também fala da dependência de seu companheiro:

Ele trabalha, tudo direitinho, de carteira assinada, tudo direitinho, tem o dinheiro dele da ‘cana’. Embora o dinheiro dele, eu num sei nem que cor é, o dinheiro dele. (risos) Ele é muito dependente de mim: eu vou deixar, vou buscar pra almoçar e ainda agora fui levar pra trabalhar. O prato dele quem faz sou, menina! (...) Ele pede pra eu separar a roupa, aí eu digo: vai com qual roupa? Vai com essa calça aqui? Eu separo a roupa dele e pergunto: essa ta boa pra você? Pra num dizer que eu to dando ordem, mandando demais.

A preocupação que o companheiro não “*ache que está dando ordem, mandando demais*”, nos aponta que Oxumaré conhece muito bem os códigos definidos no Ocidente para a masculinidade: a ação, o fazer, o realizar, o desempenho, que colocam os homens continuamente diante da questão do uso e da legitimidade de seus

comportamentos, a fim de evitar a pergunta “*o que é ser homem*”. (NOLASCO, 1995, 25).

Então, Oxumaré vai deixa-lo e busca-lo no trabalho, faz o prato na hora das refeições, escolhe a roupa que seu companheiro irá usar, “*não ver a cor do dinheiro*” do seu companheiro, mas cuida para que ele não se sinta sendo ordenado, mandado, tendo em vista que os códigos da masculinidade pressupõem os homens devem ser poderosos, invulneráveis, aquele que se apodera do corpo do outro: “*aquele que está envolvido com a filosofia da ação, que gera um efeito totalizador sobre a representação social masculina, que tem no sexo seu dispositivo homogeneizador*”. (NOLASCO, 1995, 22).

Esse efeito totalizador, centrado no sexo, aparece nas narrativas de si, entre alguns de nossos entrevistados, quando eles próprios não reconhecem que o homem que se deita com outro homem seja macho, e além disso, denunciam que entre os próprios homossexuais há preconceito sobre as preferências quando estas transcendem o modelo masculino hegemônico, ou o modelo latino-americano bicha/bofe. Esses homens que se permitem uma relação por eles denominada de bicha/bicha, não só rompem com a separação binária entre masculino/feminino, heterossexual/homossexual, mas rompem também com um dos códigos mais caros ao exercício da masculinidade: permitir-se à troca de carícias nas nádegas, a penetração por/com outro homem.

Ta havendo uma repressão muito grande contra as chamadas bichas pintosas, como se elas num pudessem existir! Entendeu? Quer dizer assim: é, eu acho meio burrice, não que todo homossexual tenha que andar com o tabuleiro da baiana na cabeça. Mas assim: eu acho que é a questão da diversidade mesmo que existe! Quer dizer: todos os homossexuais têm que ser musculosos, másculos, por que? As ditas masculinizadas, as barbyes e afins. Por que? Porque você acaba sendo tão macho, entre aspas, que ultrapassa a barreira da macheza que fica um macho falsificado! Por que? Porque acaba sendo pessoas bem bombadas de academia e anabolizantes (nada contra: acho ótimo!), mas, que, acaba botando um tênis tão fashcion que os chamados machos não botariam!

No meio de suas falas, Felipe destaca a diversidade, critica o preconceito contra as “*bichas pintosas, como se elas não pudessem existir*”. E se orienta para a crítica a que ele chama de *bichas masculinizadas*, numa associação a homossexuais que se identificam com os códigos da força física, dos músculos, mas que são *machos falsificados*. Pelongher (1987, 85-86) fala de uma “*inversão lógica*”, quando aponta que

*Na década de 1970 era possível se observar uma certa pretensão à masculinidade, quando se teria a curiosa trajetória: da discreta “reivindicação” do “homossexual passivo” (com seus modos femininos e seu gosto pelos desfiles), à defesa da “virilidade gay”, onde já não se procuraria submeter-se perante o machão, mas “produzir” em si mesmo certo modelo gay que passaria pela recusa de “bichice”.*

Não acredito que falar em uma *pretensão à masculinidade* possa satisfazer a proposta de nosso trabalho. Não pensamos que músculos, virilidade, não submissão a outro homem, ou o contrário disso, defina um homem ou uma mulher. Mesmo que essas práticas, ou a busca delas, seja significado por Perlongher como uma pretensão dos gays a serem masculinos, preferimos considera-las como parte do processo de ressignificação dos sujeitos (sejam homens, mulheres ou outra categoria qualquer), processo de ressignificação que será intensificado a partir da década de 1960, como mencionamos anteriormente. E se o autor identifica como sendo uma pretensão à masculinidade, Felipe afirma ser uma *falsificação do macho*.

E para ele, não são *machos falsificados* apenas porque usam “*um tênis tão fashion que os chamados machões não botariam*”, mas porque mesmo sendo musculosos, bombados, exibindo força física, eles ainda assim, desejam homens. “*São machos entre aspas*”, mas que conseguem ultrapassar a barreira da macheza. E como o próprio Felipe afirmava, *aprendemos a ser homens e mulheres e agimos como tais em vários momentos*, mas muitas vezes “*reproduzimos os modelos porque também não existem muitos exemplos*”. Só que, é necessário destacar que Felipe não está isento de se apropriar dos códigos da masculinidade: o faz quando retoma a idéia de que existe um “*macho falsificado*”.

Ramirez (1995, 75) nos faz um alerta bastante pertinente para que evitemos conclusões apressadas: “*as representações do machismo, tanto as populares quanto as acadêmicas, costumam descrever-nos como seres de comportamento bastante homogêneo (...).*” A literatura sobre machismo, termo com pretensões a conceito, é essencialmente descritiva e nela abundam as impressões, os juízos valorativos e os estereótipos negativados<sup>3</sup>.

Mas, estudos recentes têm se direcionado para uma discussão que tenta extrapolar a homogeneização, partindo da idéia de que “*o conhecimento sobre gênero*

---

<sup>3</sup> O termo machismo, segundo Ramirez (1995:75), popularizou-se na literatura social dos anos 1950 e 1960, e nessa literatura adquire múltiplas formas: complexo de atitudes, constelação de certos atributos, ou como síndrome.

*está sujeito a explicações e pontos de vista conflitantes que convivem tanto no nosso dia-a-dia, como nas teorizações sobre a questão” (CONNELL apud GARCIA,2001, 43).*

Sendo assim, as práticas cotidianas dos homens podem se identificar ou não com os códigos de masculinidade, de gênero, com o dispositivo da sexualidade que estes instituem. E mesmo envolvidos por uma cultura em que as práticas, imagens e enunciados definem e exigem um tipo de ser masculino, pensamos que as maneiras de praticar este gênero são variadas, as trajetórias culturais metaforizam a ordem dominante. Como afirma Albuquerque Junior (2003:26),

As práticas cotidianas de gênero, de ser homem, não estão determinadas nem pela genitalidade, nem pelos códigos de sexualidade. O gênero nem é natural, sendo uma criação histórica e cultural, nem está preso completamente a uma ordem dominante de prescrições.

Mesmo que as narrativas de nossos entrevistados tenham denunciado que *“viver sendo considerado no dia-a-dia como ‘homossexual’ é um fardo moral e psíquico extremamente custoso para muitos homens”* (COSTA, 1992, 20-21), desde o início afirmamos que pensar o masculino enquanto verdade absoluta e modelo a-histórico, não é nosso propósito. Até porque os próprios homens vêm relativizando tal idéia.

Reconhecemos que muitos homens em seu cotidiano, se mantêm norteando seus comportamentos a partir dessa categorização, mas preferimos seguir a sugestão de Nolasco (1995, 41), quando este propõe que devemos manter a *“incredulidade diante do metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes”*, discurso este que defende a idéia de que todos os homens são iguais. Na contramão desse discurso, preferimos pensar na ampliação e relativização das possibilidades de representação para indivíduos e seus projetos de mobilidade social, enquanto sujeitos do desejo. Pensar, como Pleck (apud GARCIA, 2001, 39), que *“problemático, determinado historicamente e postulador de um ideal inatingível, porque homogêneo, o modelo de masculinidade hegemônica, não é capaz de descrever as experiências dos homens”*.

Mesmo sendo problemática, incapaz de dar conta da multiplicidade das práticas dos homens, os códigos da masculinidade hegemônica, tão difíceis de serem dissociados das generalizações, apesar de tantas mudanças e ressignificações, continuam bastante

atrelados ao tipo de sujeito tão necessário ao projeto da modernidade pautado nos traços da razão+utilidade+domínio. Esse indivíduo era burguês, cientista e guerreiro; um homem “conquistador, frontal, “de uma só peça” (HAMAWI apud NOLASCO, 1995, 12). E nada impede que vários homens se identifiquem com esses códigos, ou que seus desejos se direcionem para experiência com a prática associada a esses códigos. Temos então uma multiplicidade da prática do desejo e da apropriação dos códigos culturais para a produção de si.

Então, retornamos a pergunta: O que é ‘ser’ macho? Quais os critérios mais seguros (se é que eles existem) para pautar a definição de um sujeito? Como não pretendemos uma resposta definitiva, apenas esperamos ter jogado purpurina nas narrativas e práticas da indiferença e silêncio de alguns/as em relação à necessidade de se historicizar e desnaturalizar o que envolve o masculino; esperamos ter esmurrado algumas certezas tão cruéis e duramente propagadas, repetidas, até que se tornaram absolutas; esperamos ter “montado” um cenário propício a inquietações e questionamentos sobre as narrativas que tomam como inspiração as práticas da sexualidade, e a pretensa ‘defesa’ da diversidade. Salve, salve! E continuemos espiando, narrando, agindo, portanto, vivendo!!!

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício. Estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DAMATTA, Roberto. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In. *Homens*. Dario Caldas (org.). São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.
- GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In. *Homens e masculinidades: outras palavras*. Margareth Arilha, Sandra G. Unbehaum, Benedito Medrado (orgs.). 2. ed. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, 2001.
- MEDRADO, Benedito. Sexualidades e socialização masculina: por uma ética da diversidade. In. *Homens, tempos, práticas e vozes*. Benedito Medrado, Mônica Franch,

Jorge Lyra e Maíra Birto (orgs.). Recife: Instituto PAPAÍ/ Fages/ Nepo/ Pegapacá, 2004. (Série “Olhares de Gênero”).

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. (Gênero Plural).

\_\_\_\_\_ *A desconstrução do masculino*. Sócrates Nolasco (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_ Territórios Marginais. In. GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. Participação de José Fabio Barbosa da Silva (et al.). São Paulo: Editora UNESP, 2005.

RAMIREZ, Rafael L. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. In. NOLASCO, Sócrates (org). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

TREVISAN, João Silvério. O espetáculo do desejo: homossexualidade e a crise do masculino. In. *Homens*. Dario Caldas (org.). São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.